



COMUNICAÇÃO AO PAÍS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Porque consideramos a atitude mais positiva e de maior profundidade, depois do 25 de Abril, impusemo-nos a publicação das palavras do General António de Spínola, para serem relidas e guardadas no coração dos portugueses que podem, agora, acreditar num Portugal Novo.

«Se há hora grande na vida e na história de um Povo, essa é, sem dúvida, a do seu reencontro com a vocação, a fisionomia e a forma de ser e de estar no mundo que lhe são próprias. Portugal vive hoje essa hora grande; e é com a mais viva emoção que dirijo ao Povo Português de aquém e além-mar, na mais perfeita coerência com a nossa tradição histórica e com o ideário que nos preside e nela se inspirou, a declaração formal de haver chegado o momento de reconhecer às populações dos nossos territórios ultramarinos o direito de tomarem em suas mãos os próprios destinos, concretizando-se, desse modo, o desenvolvimento da política de autenticidade que sempre defendemos.

Somos um povo essencialmente pacífico que através dos tempos sempre buscou na aventura o suprimento das suas carências. Ontem, como hoje, foi a procura em terra alheia de uma vida melhor que motivou os portugueses na demanda de novos mundos. E se os sucessivos modelos políticos da história do mundo permitiram uma configuração imperial da nossa superestrutura, não poderá daí de foma alguma concluir-se termos sido, em algum tempo, um povo de vocação imperialista. Bastaria para tanto recordar que exactamente quando as fronteiras de África eram talhadas à mesa das conferências europeias pelos impérios coloniais recém-desaparecidos, já entre nós se levantavam as vozes dos soldados de África defendendo as teses da autêntica emancipação colonial. Teses que, surgidas com o liberalismo, reformuladas nos últimos anos da Monarquia e retomadas na vigência da I República, traduziam a essência de uma política ultramarina legitimada pelo consenso moral e tornada autêntica pela prática constante do humanismo lusitano.

A fatalidade histórica de nos termos desviado desse curso, e a facilidade com que, sob o antigo regime, se legislava sem oposição, permitiram que a Pátria viesse a ser definida em mero estatuto legal, esquecendo-se que se não limitam nações como se limitam coutadas.

Pagámos esses erros com o sofrimento ao longo de 13 anos de uma guerra cujas perspectivas oportuna e persistentemente denunciámos. Se na altura em que a questão ultramarina se agudizou, no começo da década de sessenta, houve que evitar o genocídio e criar as condições para uma solução política, esse esforço militar acabou por perder todo o sentido, na medida em que não foi convenientemente acompanhado no plano político em ordem a restituir o problema ao quadro dos seus verdadeiros factores. E assim se foi prolongando uma situação sem base ética, que levou os militares que naquele esforço se empenharam, com alto sentido da verdadeira dimensão da Pátria e de fidelidade à causa da justiça, a marcar desassombadamente a posição que culminou com a arrancada de 25 de Abril.

Nesta linha de coerência, e na estrita fidelidade ao Programa do Movimento das Forças Armadas, se anunciaram recentemente os princípios programáticos do nosso processo de descolonização. Processo a que nos vinculamos sem alienação da responsabilidade moral contraída para com as populações ultramarinas, responsabilidades tantas vezes incompreendida e criminosamente explorada por quantos não conhecem ou procuram ignorar toda a extensão das nossas honestas intenções, buscando apenas o fruto de uma popularidade fácil.

Aliás, compreende-se, que treze anos de guerra no clima de uma política caracterizada pela carência de autenticidade tenham conduzido a posições de irreconciliação, que estão na base do ambiente de desconfiança criado. Houve, portanto, que atentar nas características específicas do actual

(Continua na página 2)

FIM DE SEMANA • 62

1. (2 de Julho de 1974)

Desenvolve-se no estrangeiro há tempo forte corrente difamatória para prejudicar o turismo português.

Falam de cólera, de desordem nas ruas, etc. Quem move esta campanha? Naturalmente forças de reacção estrangeiras que a situação política incomoda e querem prejudicar-lhe o êxito pelo enfraquecimento económico, por certo ajudados por emigrados políticos (e nem só puramente políticos) portugueses, os quais que certamente se dizem «autênticos». Países que, antes de 25 de Abril, eram nossos grandes amigos, e, por isso mesmo, deixaram de o ser depois daquele dia...

Por acaso, no dia 29 de Junho o «Jornal de Notícias» informa que o «Diário de Barcelona», dava conta de que os cidadãos espanhóis que tinham visitado

Portugal se lamentavam de aqui serem muito mal recebidos e até mal tratados.

Todos sabem que estas atoardas são redondamente falsas, e traduzem manobras da reacção, daqui e até da reacção internacional.

Esta local do jornal de Barcelona confirma o que aqui escrevemos, a propósito da carta dirigida ao Sr. General Galvão de Melo; não custa a crer que um jornal como este tivesse chamado à nossa situação «democracia carnavalesca». Há países e países, há jornais e jornais.

Uma vez mais se escreve o que então se disse: esta reacção ao nível internacional, que pode surgir em meia dúzia de países, só nos é lisonjeira, pois é sinal de que os incomoda o exemplo português.

(Continua na pág. 5)

Rascunhos

Dá pena olhar para ela. Nunca foi bonita mas está uma ruína. Vai-se aos bocados.

Nunca foi fácil nem agradável. Lançaram-lhe sempre as maiores acusações. Porque não era macia. Porque era antipática. Porque era velha.

Ninguém lhe poupava a fealdade. Diziam que era um mostrengo. Que devia ser mandada para um museu de horrores.

Censuravam-lhe o ar badalhoco. Nem as pinturas com que às vezes a adornavam e safavam. Tempos houve em que era um monte de fumo e de pequenas cinzas.

Altita, deselegante, inestética. Sempre à chuva e ao vento de Inverno. No Verão totalmente à mercê do sol causticante ou da nortada agreste.

Tudo suportou sem um queixume. Sem uma exigência. Não tinha previdência nem sindicato. Mas nunca reivindicou.

Está a sumir-se aos poucos. Quando desaparecer de vez não será

mais que uma recordação.

Em breve ninguém a verá mais. Nem se saberá onde lhe ficaram os restos.

Para a lembrança das gentes, restarão fotografias. Um amarelecidas já nesta altura. Outras que perderão a nitidez. Até a imagem se lhe perderá.

São coisas da vida. Da vida que não perdoa. Porque vida é morte futura.

Mas ainda lhe virão a fazer justiça. Que ela merece. Que ela exige. Que milhares de pessoas lhe devem.

Porque ela foi útil. Desinteressadamente útil. Aberta a todos, sem discriminações.

Nasceu para servir. Para servir sem nada receber. E se alguma coisa porventura lhe deram isso se traduziu numa multidão de insultos. Num sem fim de recriminações.

Coitada dela. Lamento-a e vejo com pena o seu fim.

Era uma vez uma passarelle...

C. P. M.

REUNIÃO INFORMATIVA da C. A. da Câmara Municipal de Espinho

Realizou-se no passado dia 22, no Teatro S. Pedro, a primeira reunião pública de informação, promovida pela Comissão Administrativa Provisória da C. M. E. que passamos a analisar em três pontos e duas notas:

Um Esclarecimento

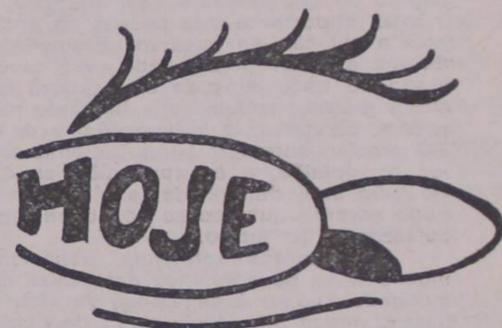
— Nas primeiras notas informativas sobre a actividade da C. M. E. referimos a esta reunião, como sendo um plenário. No entanto, e por que essa designação poderia suscitar a ideia de que haveria decisões tomadas durante a sessão, verifica-se que era incorrecto, tratando-se, sim, de uma reunião informativa.

1. — A reunião — A abrir a sessão, o Sr. Alberto Alves — Presidente da Assembleia Geral do S. C. E., escolhido para presidir esta assembleia, no reconhecimento tácito de que grande parte dos representantes eram simpatizantes do S. C. E. e de que, entre esta colectividade e a C. A. da C. M. E. sempre existiu um construtivo diálogo, contrariamente ao que possíveis agitadores reaccionários pensaram fazer crer informou a população de todos os factos ocorridos até à presente sessão. Ao acrescentar a notícia da resolução do problema que tantos simpatizantes do seu clube ali levava, fez levantar a sala em aplausos.

Seguiu-se no uso da palavra, Augusto Mota da C. A. que passou a expor detalhadamente o estado em que esta encontrou as finanças municipais. Salienta-se nesta intervenção a forma como se obviou ao descontentamento popular que resultaria do não cumprimento de uma ardilosa promessa feita ao S. C. E., sem por outro lado se cometerem ilegalidades ou mexer no orçamento municipal, facto de que, sem dúvida, o povo, ama-

(Continua na página 4)

Na próxima semana:
SUPLEMENTO



DEDICADO AO ESCRITOR
Soeiro Pereira Gomes
cuja vida se encontra
ligada a Espinho



COMUNICAÇÃO AO PAÍS DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

(Conclusão da 1.ª pág.)

contexto socio-político e que acelerar o início do processo formal de descolonização, embora sem prejuízo do seu natural processamento no plano prático das nossas responsabilidades de apoio técnico, económico, financeiro e cultural. Temos de reconhecer que, em tal clima, outra solução mais ortodoxa e formalista poderia ser considerada atitude paternalista e contraditória dos princípios que propugnamos. Os povos africanos, como muitas vezes afirmei, são perfeitamente capazes de, por si sós, se institucionalizarem politicamente e de defenderem a sua própria liberdade. E, nesta linha política, impõe-se-nos, coerentemente, remover a última barreira: o enquadramento legal da descolonização.

A lei constitucional n.º 7/74, decretada pelo Conselho de Estado, e ontem promulgada, cria o quadro de legitimidade constitucional necessário para que se dê imediatamente início ao processo de descolonização do Ultramar português. Assim, e na mais perfeita coerência com a linha de acção do meu Governo na Guiné, chegou o momento de o Presidente da República reiterar solenemente o reconhecimento do direito dos povos dos territórios ultramarinos portugueses à autodeterminação, incluindo o imediato reconhecimento do seu direito à independência.

Precisando melhor, para que não restem dúvidas sobre a importância histórica do momento e a clareza de quanto afirmamos, quer esta declaração significar que estamos prontos, a partir de agora, para iniciar o processo da transferência de poderes para as populações dos territórios ultramarinos reconhecidamente aptas para o efeito, nomeadamente a Guiné, Angola e Moçambique.

Estamos assim, e desde este instante, abertos a todas as iniciativas para o começo dos trabalhos de planificação, programação e execução do processo de descolonização, com a aceitação desde já do direito à independência política, a proclamar em termos e datas a acordar.

Será uma tarefa complexa, é certo, mas será uma tarefa que cumprimos com a coragem de quem não foge à responsabilidade assumida e ao respeito pela Justiça. Poderemos assim ficar no Mundo de cabeça erguida; pois que, ao praticarmos este acto de fidelidade ao reconhecimento do direito das gentes, celebramos afinal a mais difícil das vitórias: a vitória sobre nós próprios, sobre os nossos erros, sobre as nossas contradições.

É pois este o momento histórico por que o País, os territórios africanos e o mundo ansiavam: a paz na África portuguesa, finalmente alcançada na justiça e na liberdade. Porque neste momento cessaram as razões dos combates, as forças de um lado e outro poderão dar-se as mãos como camaradas de armas de nações irmãs do mundo lusíada. A essas novas Nações a nascer de Portugal, cuja vocação foi a de dar mundos ao Mundo, cabe-nos desejar que tudo façam para que o seu sonho se não desencante, e a liberdade, a democracia, a multirraciedade e o progresso social por que anseiam sejam uma realidade e não apenas uma motivação explorada por terceiros. Que saibam distinguir o Povo Português do regime que o dominou durante meio século; que a justiça por que lutaram se reforce na dupla responsabilidade que assumem.

Portugal não enjeitará, em relação a esses novos países, as suas responsabilidades; dar-lhes-emos, na medida das nossas posses, todo o apoio de que carecerem. Portugal continuará sendo, para todo o cidadão dessas jovens nações, uma segunda Pátria como o é já para qualquer cidadão brasileiro. Em troca, esperamos apenas continuar unidos por essa convivência sem preconceitos que faz de cada português um cidadão do mundo e pela língua em que sempre nos entendemos. Podemos sentir-nos legitimamente orgulhosos de que a sociedade internacional se enriqueça com povos livres e dignos que se afirmem, vivam, sintam e queiram à sua maneira, mas que se exprimam em língua portuguesa.

E se o momento em que o anunciamos não deixa de ter o sabor nostálgico de um princípio de separação, não poderemos esquecer que damos o mais importante dos passos ao encontro dos nossos próprios interesses pois a solução da questão ultramarina permitirá que se devolva às tarefas da paz e do progresso todo esse caudal de potencialidades consumidas ao longo de treze anos de uma guerra sem finalidade. Esse passo é dado na altura própria; adia-lo seria flagrante negação de nós mesmos. Não foi fácil, porém, conservar a independência de espírito que presidiu a esta decisão. Foi preciso enfrentar corajosamente as críticas dos apressados manipuladores da opinião; e às conveniências de certos oportunistas teve de opor-se, não sem dificuldade, a clara consciência da justiça e da responsabilidade perante quantos se nos confiaram, combatendo e morrendo por outra idealização do futuro.

A quantos sonharam, honestamente, com uma África lusa dirijo uma palavra de confiança nas novas perspectivas que se abrem, e de tranquilidade quanto à segurança da vida que construíram na terra a que também chamam sua. Nada terão de recear, pois consideramo-nos em posição de poder confortá-los com a certeza de que as autoridades dos novos países honrarão o sentido de justiça decorrente do seu estatuto de nações plurirraciais de expressão portuguesa.

Desejo expressar à Nação a mais profunda esperança nos horizontes que agora se nos abrem. Reentrámos no mundo após um ostracismo de mais de uma década. Reentrámos com o orgulho de quem soube honrar uma tradição histórica e reintegrar-se na sociedade das nações. Possibilitamos, enfim, o quadro de pleno desenvolvimento dessa vasta comunidade espiritual e humana a que Gilberto Freyre chamou «O mundo que o português criou».

Saiba o Povo Português colher deste facto a lição que encerra. Sem alardes de comício; sem esse aviltamento da condição humana, que decorre da agressão psicológica; sem as manifestações degradantes da consciência cívica através das quais o homem responsável se anula perante a multidão, cumprimos no momento próprio a nossa palavra, prosseguindo firmemente nas realizações que hão-de conduzir Portugal à democracia e à liberdade conscientemente praticadas.

Termino, formulando a todos os povos de expressão portuguesa os votos fraternos de um rápido e harmonioso desenvolvimento na paz. Que a língua comum que falamos e quanto de bom houve em cinco séculos de convivência sejam a garantia de que se manterão, ao longo do tempo, os laços da amizade que lhes não negaremos. E que cultivem sem prejuízo de individualidade própria, os traços tão profundamente humanos dessa maneira lusíada de estar no Mundo, que constitui a verdadeira essência do povo que nos orgulhamos de ser.

Finalmente, que nesta hora grande da História da Pátria as nossas comuns esperanças de paz, de justiça social e de progresso continuem a ser o firme sustentáculo da nossa luta e da nossa fé num Mundo melhor.

VIVA PORTUGAL!

27.7.74.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todo o serviço de enfermagem, aluguer de oxigénio, camas articuladas e aspiradores, massagem e recuperação por pessoa especializada. * Ambulância c/ oxigénio para transporte de doentes.

Telefone 921587 (das 8 às 21 horas)
Telefone de urgência 922329 (das 21 às 8 h.)
Horário — Das 8 às 13 e das 14 às 21 horas
Semana Inglesa
Rua 16 n.º 868 ao lado dos Bomb. V. de Espinho

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

FUNDADOR
BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO
ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
PORTO

O BAIRRO PISCATÓRIO E A MATA

Já foi motivo de recente apreciação. Queremos no entanto acrescentar que não só o Bairro mas também a «Mata» necessitam duma beneficiação das condições exteriores a acompanhar a recuperação mais humana já frisada. As ruas e passeios da Mata e do Bairro são na sua maior parte formadas duma areia solta, muito suja, onde mal se podem meter os sapatos porque a areia entra. E nela a brincar andam crianças às dezenas, nuas de verão e mal vestidas de inverno, sujas e a respirar (e a comer) daquela areia infecta. Quem já, investido de responsabilidades e poderes na nossa cidade, deu algum passo para arranjar aqueles passeios e arruamentos? Fazendo aquela zona habitacional parte integrante da cidade e tendo uma densidade demográfica elevadíssima, por que razão não é considerada para uma mais que necessária beneficiação? Se ainda há pouco tempo os habitantes do Bairro foram intimados pela autoridade marítima, pois é propriedade do Estado, a demolir umas casetas que tinham construído nos seus quintais para remediarem o aumento do seu agregado familiar com a justificação de que era anti-urbanístico, não será anti-higiénico o viver no meio daquela lixeira estratificada, refinada ao lon-

go de 25 anos de existência? E as obras nos prédios? Não estão sujeitos à beneficiação?

E o Lavadouro do Bairro porque é que não funciona? Será porque todas as casas já têm água, pois os moradores foram obrigados a instalá-la pelos Serviços Municipalizados de Espinho?

O Bairro e a Mata fazem parte integrante de Espinho. No princípio da zona turística que se pretende estender com largas perspectivas de valorização. Os seus habitantes são espinhenses, descendentes dos que fundaram ESPINHO. Se a sua promoção social não se fez, não só a eles cabe a culpa. E para os valorizar é preciso fazê-los entender a linguagem da integração como direito universal. As autoridades de Espinho é que têm que levar ao Governo a mensagem da necessidade que urge remediar. Programar com urgência a beneficiação que se impõe e submetê-la a quem de direito para que a sua concretização não demore mais tempo.

Aquela zona de Espinho não deve mais estar em posição marginal em relação às outras zonas da cidade. Não é mais de admitir.

J. J.

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Notária: Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico que, por escritura de hoje, a folhas 149, verso, do livro deste cartório A-37 e 1, verso do livro deste cartório A-38, José de Sousa Fernandes Marques dividiu a quota de 5 000\$00 que possuía na sociedade em epígrafe em 2 novas quotas do valor nominal de 2 500\$00, cedendo cada uma delas a cada um de seus consócios, Orlando Rodrigues Pinto de Meneses e Licínio Pereira de Sousa, com ele únicos sócios da sociedade «JOALHEIRA ESPINHENSE, LIMITADA», com sede em Espinho, Rua 19, 280, 1.º deixando assim de ser sócio da mesma sociedade e tendo renunciado à gerência.

Que os cessoários, unificando as quotas ora cedidas àquelas que já possuíam na mesma sociedade, ficaram nela, cada um, com uma quota de 7 500\$00 e elevaram o capital social para 500 000\$, sendo a importância do aumento de Esc. 485 000\$00 subscritos em dinheiro por cada um deles, cessionários, em partes iguais, sendo dada nova redacção ao artigo terceiro do pacto, o qual ficou como segue:

TERCEIRO: — O capital social é de 500 000\$00, está inteiramente realizado em dinheiro e é constituído por duas quotas iguais de 250 000\$00 cada uma, pertencentes a cada um dos sócios. Está conforme ao original.

Espinho e Cartório Notarial, 24 de Julho de 1974.

A Ajudante do Cartório,
Berta da Silva Lopes Dias de Carvalho



MANUEL DA MOTA

MISSA DO 9.º ANIVERSÁRIO

Sua esposa e filhos, participam às pessoas de suas relações e amizade, que mandam celebrar uma missa pelo eterno descanso de sua alma, no próximo dia 6 de Agosto pelas 19 horas, na Igreja Matriz desta cidade.

Desde já agradecem.

LÊ E ASSINA
A « DEFESA »

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

COISAS DA VIDA

Chegou à Estação um comboio procedente de Lisboa. Muitos passageiros saíram em direcção às suas casas. Um, no entanto, teve que ser apresentado ao Chefe da Estação. Acompanhado pelo revisor. Porque embarcara sem bilhete. Porque declarara não ter dinheiro para o pagar. Não possuindo consigo documentos de identificação, a legara simplesmente a sua qualidade de marinheiro da Armada. Segundo os regulamentos vigentes, deveria, com o respectivo auto, ser entregue às autoridades militares. Humanamente o Chefe da Estação quis poupar-lhe dissabores. O passageiro disse a que família pertencia, família bem conhecida na cidade. Por isso trataram de localizar-lhe os familiares. Apareceu o avô e apareceu o pai. Ia o problema ficar resolvido sem mais inconvenientes para nenhuma das partes. Ia, não, parecia que ia ficar resol-

vido. Mas, perante surpresa de quem assistia ao caso, o pai perguntou ao filho se ele andava a fazer turismo e o avô perguntou ao neto o que é que ele andava a fazer. E, depois das perguntas feitas, declararam peemptoriamente: «Não queremos saber disto para nada. Se ele não tem dinheiro para pagar o bilhete, mandem-no para a cadeia!», e foram-se embora. Perplexidade nos presentes, que não pouparam comentários. Uma senhora contribuiu logo com metade do custo do bilhete. A outra metade saiu dos bolsos do Chefe da Estação e dos seus colegas de trabalho ali presentes. Só assim o marinheiro viu a sua situação resolvida sem mais inconvenientes. Terá que agradecê-lo a estranhos e não aos familiares.

Resta dizer que a importância em dívida eram apenas oitenta escudos!!!

QUE É ISSO DE ANDAR A PÉ?

Diz-se que andar a pé é benéfico à saúde e toda a gente acredita. Mas entre o crer e o fazer há um abismo. Especialmente para os que, acima da saúde, põem a comodidade. E muito mais ainda para os que gostam de comodidades à custa dos outros. E quanto mais gratuitas melhor. Nem que para tal haja que apropriar-se do alheio sem licença do dono. Cá vão seis exemplos desta linha de pensamento para, como se diz no fecho das actas, que conste...

Em São João de Ver foi localizada uma viatura automóvel cujo furto fora participado na Secção de Espinho da P. S. P. por António Augusto M. Gomes da Costa, da rua de Monte Alegre, 4, 4.ª A, no Porto. Tinha a matrícula AI-99-34 e desaparecera na noite na vizinha Vila da Feira.

Manuel de Sousa Caneca tinha, às dez horas da noite do dia 23, uma motorizada que se encontra devidamente registada em seu nome com a chapa de número 1-ESP-73-28 estacionada na rua 35. Roubaram-lha.

No dia 26 a P. S. P. deteve em Espinho João José Gomes dos Santos, que mora na rua Agostinho Albano, em Santa Marinha, Gaia, por se deslocar com a motorizada que pouco antes roubara no Porto e por mor da qual o seu destino final foi o Tribunal da nossa Comarca.

António Dias Lourenço, de Cavaco, Vila da Feira, teve a sorte de encontrar, embora com algumas peças a menos, a sua motorizada 22-56 registada em S. João da Madeira que lhe fora furtada na nossa cidade.

Em Anta, junto ao Café Miguel, «voatilizou-se» outra motorizada. Pertencia a António da Rocha Videira, residente em Mato, Nogueira, Feira. A chapa de matrícula dizia: 2-VNG-20-39.

No antepenúltimo dia de Julho, cerca das 3 horas da madrugada, desapareceu do seu estacionamento na rua 7, o automóvel PN-95-70. O seu proprietário, Domingos da Silva Fonseca, de Moscoso, Sandim, Gaia, andou chelo de sorte porque no mesmo dia o veículo foi localizado em Vila do Conde.

Oxalá estejamos enganados, mas na próxima semana por certo temos mais para registar aqui.

COLABORAÇÃO NÃO SOLICITADA

Recebemos com frequência originais para serem publicados no nosso jornal sem que o tenhamos solicitado. Para evitar a repetição de alguns pequenos aborrecimentos, devemos tornar público que, além de nos reservarmos o direito de publicar ou não as produções desses colaboradores voluntários e não convidados, não devolveremos nunca os originais em tais condições.

HOMENAGEM AO DR. FERREIRA SOARES

Realiza-se hoje, às 21,30, no Pavilhão da A. A. E., um comício de homenagem à memória do Dr. Carlos Ferreira Soares. Trinta e dois anos após a sua morte, o povo da região tem, finalmente, a oportunidade de evocar a figura mais proeminente da sua lenda.

Ferreira Soares foi um combatente devotado à causa dos trabalhadores. Em 1936 a polícia política salazarista quis prendê-lo. Para evitar a detenção e as horas de tortura, Ferreira Soares foi esconder-se em Nogueira da Regedoura, onde continuou a sua actividade revolucionária e a sua acção clínica. A extrema precisão do seu diagnóstico, mesmo com a falta de meios de quem pratica uma acção clandestina, rapidamente o tornou, a esperança de quantos adoeciam gravemente. Soube fundir as suas actividades com um profundo sentido humano nas relações com os trabalhadores, os camponeses, com a gente do povo que carecia os seus desvelos.

O médico comunista fez-se amar e respeitar. Sabiam-no fugido às perseguições da polícia política. Punham-no ao corrente dos perigos, das presenças estranhas. Escondiam-no. Assim, durante sete anos, Ferreira Soares pôde escapar à prisão.

Mas a quatro de Julho de 1942 a acção da polícia foi eficaz. Um bando de agentes dirigiu-se ao seu consultório. Certificou-se de que era ele e desfechou à queima-roupa. Transportaram-no à prisão para Espinho, já sem vida.

O seu enterro foi um comovente testemunho do seu prestígio. Milhares de camponeses, de trabalhadores. Lágrimas sentidas de dor e de revolta. Protestos. A homenagem do Povo ao comunista, ao «médico dos pobres».

Volveram trinta e dois anos, chegou a alvorada saudada com cravos, o Partido Comunista Português, reabre, nesta homenagem, um processo de justiça que está por fazer. E o Povo quer justiça!

C. I.

AGRADECIMENTO

Almir de Castro Lacerda, no momento do seu regresso a Moçambique, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, apresenta as suas despedidas a todos os seus amigos, a quem agradece todas as atenções que lhe dispensaram durante a sua curta estadia em Espinho.

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273
Residência — 922424

Compra-se

Casa independente para Habitação

Telefone, 920960

Sócio - Precisa-se

Para abertura de DISCOTECA em Espinho.

Carta à Redacção ao n.º 59

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 3 — FARMÁCIA HI-GIENE, rua 19 — Telef. 920320;
Amanhã, domingo, 4 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62 — Telefone 920092;
Segunda-feira, 5 — FARMÁCIA SANTOS, rua 19 — Telefone 920331;
Terça-feira, 6 — FARMÁCIA PALVA, rua 19 — Telefone 920250;
Quarta-feira, 7 — FARMÁCIA HI-GIENE, rua 19 — Telefone 920320;
Quinta-feira, 8 — GRANDE FARMÁCIA, rua 62 — Telefone 920092;
Sexta-feira, 9 — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19 — Telefone 920331.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 3 — AS AVENTURAS DO RABI JACOB, com Louis de Funès — 10 anos.

Amanhã, domingo, 4 — O PISTOLEIRO DO DIABO, com Clint Eastwood — 18 anos.

Segunda-feira, 5 — OUTONO ESCALDANTE, com Alain Delon e Sonia Petrova — 18 anos.

Terça-feira, 6 — à tarde, O MEU CAO E OS LADROES, com Dwain Hickman e Elsa Lanchester — 6 anos.

A noite — ZORBA, O GREGO, com Anthony Quinn e Irene Papas — 18 anos.

Quarta-feira, 7 — FIM DE SEMANA ILEGITIMO, com Marcello Mastroianni e Oliver Reed — 18 anos.

Quinta-feira, 8 — TIRO DE ESCAPE, com Steve Mc Queen e Ali Mac Graw — 18 anos.

Sexta-feira, 9 — à tarde, A BELA ADORMECIDA, de Walt Disney — 6 anos; à noite — O BOY FRIEND, com Twiggy e Christopher Gable — 10 anos.

CASINO

Hoje, Sábado, 3 — A HORA DA FAMÍLIA — 18 anos;

Amanhã, Domingo, 4 — UMA RAZÃO PARA VIVER OUTRA PARA MORRER — 14 anos;

Segunda-feira, 5 — DUELO DE FOGO — 14 anos;

Terça-feira, 6 — ALFREDO, ALFREDO!... — 18 anos;

Quarta-feira, 7 — UM AMOR QUE ME SALVOU — 18 anos;

Quinta-feira, 8 — A DAMA VERMELHA MATA SETE VEZES — 18 anos;

Sexta-feira, 9 — ULISSES — 10 anos.

NASCIMENTOS

Em Espinho, Maria Manuela, filha de António Félix Lopes e de D. Maria da Conceição Alves Ribeiro.

CASAMENTOS

Na Igreja de Paramos, Alberto de Oliveira Carvalho com D. Rosa Pereira da Costa.

Na Igreja de Espinho, Francisco de Almeida com D. Maria Amélia Fernandes Brandão.

Na Igreja de Silvalde, António Cordeiro Vitorino com D. Maria Manuela Pereira de Castro Vitorino.

Na Capela de Nossa Senhora da Saúde, nos Carvalhos, Viriato Hermínio Oliveira de Sá Couto com D. Maria da Conceição Pais Ferreira de Sá Couto.

FALECIMENTOS

Em Espinho, Adelino da Silva Rosa, de 68 anos, casado com D. Rosa de Oliveira da Silva.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Terminada a sua licença, regressou no passado dia 24 a Angola o Alferes Miliciano sr. José Manuel Zenha Mourão, filho de José Teixeira Mourão e de D. Albertina Zenha Mourão.

Revestimentos Modernos

1.º Aniversário

Saldos de Papéis de parede e tecidos de cortinados

Rua 16, n.º 36 — Telef. 922364

PORTA ABERTA

Medidas urgentes

Como espinhense, como cidadão, recorro à «Porta Aberta» para lamentar publicamente e pedir medidas urgentes a quem de direito, para o seguinte:

1. A desfaçatez com que se estacionam os veículos automóveis nos passeios, obrigando os peões, para quem foram feitos os passeios (ou não?) a transitarem muitas vezes pelas ruas, em alguns casos com evidente perigo, como por exemplo na rua 7.

2. Já nas colunas da «DE», quando era colaborador, levantei este problema, mas ninguém lhe ligou patavina.

3. A sem cerimónia com que se anda de bicicleta nos passeios (e noutros locais para peões), não só crianças, como adultos, em evidentes manobras perigosas para quem circula e, até, para os próprios que conduzem. E se houver um desastre, quem é o responsável?

3. Também, por mais de uma vez, levantamos este problema nas colunas da «DE», todavia, em pura perda.

4. As tantas da noite, não só nas minhas imediações, pois outras pessoas têm-se queixado do mesmo, estão-se a verificar «corridas de veículos motorizados» de escape aberto, com meninos crescidos em pura diversão, fazendo poluição sonora, em clara falta de respeito, civismo e educação, ante quantos milhares des-cansam para, no dia seguinte, irem trabalhar. No entanto, vêem o seu repouso cortado, por um bando de irresponsáveis que desrespeitam todas as boas regras e

não têm, pelo visto, quem lhes ponha travão.

5. Está-se a permitir o estacionamento de veículos automóveis em cima do local de passagem de peões que desajam atravessar a rua 8, vindos da Avenida, pelo subterrâneo ou por cima, para o passeio de cima, ocasionando ali aglomerações ou desvios despropositados. Além disso, devia existir aí uma passadeira, ainda que pintada a tinta no pavimento, contudo ninguém se lembrou disso, como do despropósito da placa de estacionamento plantada (porque não 10 m. mais adiante no sentido sul?) nas imediações da referida saída do túnel, porquanto os automobilistas não lhe ligam nenhuma, ao que nos é dado ver.

Direi, para finalizar, que as liberdades, que todos queremos, não podem ser instrumentos para irresponsáveis, incivilizados, etc., utilizarem conforme lhes dá na real gana, prejudicando os demais, como também não podem ser motivos para se fechar os olhos e não castigar severamente os prevaricadores. Tudo tem de ter as suas regras, mesmo dentro da maior liberdade, e portanto há que fazê-las cumprir, sem tibiezas, antes da criação de maus hábitos e processos radicados mais difíceis de controlar depois.

Portanto, o meu apelo a quem de direito, na certeza de que sou secundado por muitos outros espinhenses.

Carlos Sárria

21.7.74

Passagem de nível

Um dia Marco Túlio Cícero, o mais eloquente dos oradores romanos, sabendo que Lúcio Sérgio Catilina, patricio romano, preparava uma conspiração contra o senado, publicamente desbaratou essa conjura com estas audazes palavras. «Até quando, Catilina, abusarás da nossa paciência?»

Também neste momento, como cidadão livre e amigo das coisas, como se costuma dizer no seu eixo, sinto uma eferescência grande e tenho de explorar, constatando eternamente, este problema, dos Caminhos de Ferro, nesta laboriosa e linda cidade, o benjamim das cidades modernas, faminta de progresso e de desanuviamento. Não posso logicamente compreender como neste século e depois da desamordada tirania, que e tantos lustros nos subjogou, ainda persistamos em permitir este estado lamentável da linha férrea, cortando a cidade, por si pequena e que tem jus a desenvolver-se e a planear mais esta. Há dias, precisamente, um domingo, depois de saborear o tónico proveniente das águas marítimas, dirigia-me para o torrão, aldeola pacata e saudável, que, pela sua proximidade, considero fazer parte do casco mesmo da cidade, quando, santo Deus, estive forçado a esperar, mais de trinta minutos e uma bicha enorme de carros mais, nas mesmas circunstâncias. E porquê? — Porque essas máquinas, que não têm culpa, que trabalham é certo, que manobram de norte para sul e de sul para norte, como perfeitas lesmas, em prejuízo do tempo tão precioso, que no entender do fleumático inglês, é dinheiro. Nesta altura, um conterrâneo meu, adormeceu ao volante, pessoa bastante popular e considerada, e foi preciso businar, para que acordasse do letargo em que jazia. Pergunto, estupefacto, onde estão as Forças Vivas de Espinho, essas Forças responsáveis pelo seu progresso,

adormecidas, diante dum espectáculo, de-
veras desolador.

Ou desvio da linha, ou passagem para peões e carros, porque temos deveres, graves é certo, mas nem por isso menos direitos. Bem hajam por essa passagem subterrânea na Rua 19, e que seja um início de realizações similares e muito próximas. Urge acabar com esta apatia e desconsideração e abuso, pelos mais legítimos interesses de Espinho. Estamos numa etapa de desanuviamento político e social e portanto mãos à obra, substituindo métodos antigos e passados por outros mais eficientes e adaptados ao mundo vertiginoso em que vivemos. Nesta ordem de ideias está a razão deste protesto que clama aos quatro ventos esta solução.

Seria trair os meus sentimentos de ordem e progresso, calar-me perante estes casos tão diários nesta nossa Cidade, que é de todos e que geograficamente tem necessidade de progredir.

«Tolle, Lege» — Toma e lê — Segundo uma antiga tradição, quando S. Agostinho se converteu ao catolicismo, depois de tantas preces por parte de sua bondosa Mãe, Santa Mónica, parece que estando em meditação, ouviu uma voz interior que lhe dizia, para lançar os olhos para um livro que estava perto dele e que ele fez e leu então uma epístola de S. Paulo, que o ajudou mais à sua conversão. Sem ferir a sensibilidade das autoridades responsáveis, peço que olhem em volta para esse livro que é o Povo, que pede e exige mais consideração e lembrem-se que o tempo não volta e águas passadas não fazem mover a azenha. Povo somos todos nós que constituímos uma necessidade e não estamos no horrível tempo em que em lugar de Povo, foi injustamente considerado Povoleu ou uma simples População.

Pedro da Silva Moreira

Nomes a ruas

Muito se tem falado ultimamente com respeito a nomes que se havia de dar a certas ruas da Cidade.

Com qualquer dos nomes que disseram nos comícios que se têm feito e que estive presente, não discordo com nenhum deles.

Houve um homem que foi um grande democrata, nunca virando a cara a ninguém, mostrando-se em público nos comícios realizados

aquando das eleições para deputados.

Foi uma das grandes figuras de Espinho, um dos que muito trabalhou no nosso Hospital, amigo de muitos médicos que se especializaram com os seus conhecimentos de medicina e cirurgia, nomeadamente em cirurgia cardíaca, especialidade que lhe deu fama no nosso País e no Estrangeiro,

GAZETILHA

Luar de Agosto

*Eis o mês d'Agosto entrado.
Entrevê-se o fim da guerra.
D'espírito apaziguado,
Canto as belezas da Terra:*

*Silenciosa, a lua cheia
Vem da serra a despontar;
Branqueia as dunas de areia,
Põe sendas de luz no mar.*

*Ó claro luar d'Agosto,
Caiando os casais distantes;
Enches de brilho o meu rosto...
Mas já não és como d'antes:*

*Não me trazes a magia
Nem os enleios do Amor...
Nem a suave poesia
Que criava o teu palor!*

*Cabelo em ondas escuras,
Eparso em carícia grata...
Ondas que já não procuras,
Porque são fios de prata!*

*Sempre a mesma, a Lua linda,
Beleza que nunca passa;
O que passa, o que me finda...
É, da juventude, a graça!*

Alberto Barbosa (BEKA)

REUNIÃO INFORMATIVA DA C. A. DA CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

(Conclusão da 1.ª pág.)

nhã mais consciente, viria a pedir contas à C. M. E.

Em seguida abriu-se um período de debate. A todas as questões postas foi dada cabal e satisfatória resposta. Foi sem dúvida neste período que o carácter popular da Assembleia mais se evidenciou já que as manifestações de descontentamento e de aprovação se sucederam entusiasticamente, num clima em que a igualdade entre a assembleia e a mesa nunca esteve em causa, permitindo concluir a existência de pelo menos essa condição de democracia.

A destacar neste período a intervenção do trabalhador José Neto que soube reunir aos pedidos de informação, que fez, as informações que deu sobre algumas das necessidades mais urgentes da população da cidade, e analisou de forma clara os diversos intervenientes no processo motor da reunião, sabendo indicar, sem hesitações, quem era o «vilão da peça». E a assembleia pareceu compreendê-lo.

2. — **O Anticomunismo** — Durante a questão posta sobre a designação do nome de Ferreira Soares (Dr. Prata) para a rua 19 e, posteriormente, durante a intervenção do membro do Partido Comunista Português, houve na sala algumas manifestações de anticomunismo, aliás no último caso, contrariadas pela reacção de algumas dezenas de simpatizantes comunistas presentes. Seriam essas manifestações espontâneas? Seriam o fruto de uma ampla campanha antidemocrática que ex-«Anepistas», legionários bufos da PIDE e enfim de todos os que à sombra do fascismo iam enchendo e agora têm de esvaziar, começam a tentar levantar? Tudo o que se pode afirmar é que, na vaca do «anticomunismo mamou a vitela fascista — Marcelazarista durante 48 anos» e que não esqueça esta lição ao povo de Espinho.

3. — **Nota relevante** — Quando se

procura definir um tipo de gestão democrática e se procuram reunir condições para que essa democracia seja efectiva, depara-se com dificuldades múltiplas das quais há que salientar: a falta de hábitos de participação e o elevado grau de alienação de uma população durante quase meio século ferozmente mantida à distância dos seus problemas. Para ultrapassar estes problemas tem uma administração progressista de contar com o apoio de todos os sectores organizados da população: colectividades e agremiações, partidos, sindicatos, etc.

Por isso é de salientar a nota convocatória dirigida aos seus associados pelo S. C. E., convidando-os para a reunião e exortando os seus espíritos cívico e de participação. Para além do especial interesse do S. C. E. nesta reunião essa medida vale por si. E por cima do panorama das muitas entidades contactadas que ficaram pela atitude cómoda de nada fazer, ou fazer aquilo que a isso se assemelha, ainda mais exemplar se torna.

E certo que muitos dos simpatizantes do S. C. E. não compreenderam o significado desse acto e transportaram consigo bandeiras, adereços e métodos de participação mais próprios de campos de futebol do que propriamente de assembleias democráticas, o que pode ter deixado, da nossa terra uma imagem um pouco singular de desenvolvimento político. No entanto, se continuar aquela colectividade, conduzida com o espírito que condensava a convocação que referimos, muito, cremos, fará pelo desenvolvimento cultural da nossa população.

4. — **O Balanço** — Nas intervenções finais, Rufino Cunha do M. D. P. e o Dr. João Neves, do P. S. P., fizeram uma apreciação sucinta de como havia decorrido a sessão, que consideraram positiva. Salientou R. Cunha que o Movimento Democrático Português apoia a acção que a Comissão Administrativa vem desenvolvendo.

O balanço é, pois, positivo.

J. R.

juntamente com médicos de fama mundial, e acima de tudo um homem de bem e social com todos.

Nestas ocasiões é que todos os que o conheceram se deviam lembrar dele, o que não o fizeram, estou certo, mais por falta de lembrança do que por esquecimento.

Vou lembrar enfim o nome dessa grande figura de Espinho, que foi,

DR. MANUEL GOMES DE ALMEIDA

Espinho, 30 de Julho de 1974.

Fernando Gil

FIM DE SEMANA-62

(Conclusão da 1.ª pág.)

2. (2 de Julho de 1974)
Curiosamente, no mesmo diário o «Diário de Lisboa» «noticiava que os empregados das agências de viagem intentavam entrar em greve; dado que as suas reivindicações não eram atendidas, sendo, aliás, de carácter fundamentalmente social e não económico; é curioso que uma das reivindicações «sociais» era a com participação em 50 por cento dos lucros. Os responsáveis do movimento justificavam-se dizendo que, neste ano, o turismo estava morto, e se lhe fazia o funeral para 1975.

Esta afirmação, esta atitude são muito estranhas e inoportunas; sabendo-se que o turismo é uma fonte de riqueza para o país, a atitude daqueles profissionais afecta em globo a economia nacional, tendo a consciência do prejuízo que causa e provocando conscientemente o «funeral» do turismo.

Afigura-se que, perante a crise, deveria a classe lutar por desfazer os efeitos de propaganda em vez de agravar a situação.

Outra atitude infeliz semelhante às dos C. T. T.

3. (2 de Julho de 1974)
Ouvimos Maria Barroso afirmar à reportagem da TV durante a romagem ao túmulo de Bento de Jesus Caraça e a propósito da sua expulsão de docente universitário pelas suas opiniões políticas, que, por volta de 1940, para ser professor universitário, a única qualidade que interessava era a de ser subserviente.

Certíssimo. A qualidade não interessava — só a subserviência. E nem só em 1940 — antes e depois, por aí fora. Já houvera depurações antes, — as primeiras foram em 1934 ou 35. E nem só o facto se verificava na docência universitária, mas até na liceal; a certa altura deixaram de ser feitas muitas depurações. A última após um interregno, foi a provocada pelos acontecimentos da Capela do Rato, que vitimou Francisco Pereira de Moura, que não só se viu demitido, mas perseguido ao ponto de, estando-se no decurso de um ano escolar e sendo as lições de Economia Política da Faculdade de Direito de Coimbra minis-

tradas na base de um estudo seu, foi o plano do curso modificado, para ser posta de lado a sua obra e seguida outra. O que se passou, isso sim, foi a vedar o ingresso nas carreiras, dependente de informação da D. G. S. Só os subservientes poderiam ser nomeados.

Assim foi até ao consulado de Veiga Simão (no campo do ensino, claro). Lá essa virtude teve esse Ministro: quanto pôde, sempre saltou sobre os impedimentos de ordem política para nomeação de professores. Esta é uma das causas fundamentais da degradação do ensino universitário: os valores eram afastados e ficavam os mediocres. E que dificilmente um homem de intelecto superior, honesto e isento, podia aceitar os princípios do regime político.

4. (6 de Julho de 1974)

O Ministro da Administração Interna tornou público que todas as cartas anónimas que recebesse teriam o destino imediato do arquivo.

Só discordamos num aspecto: o destino dessas cartas não devia ser o do arquivo, mas o do caixote do lixo.

Assim devíamos todos, autoridades públicas ou nós, simples gentes do povo, fazer às cartas anónimas.

5. (6 de Julho de 1974)

Que isto de escritos anónimos é moda de extremas políticas.

E assim que aparecem nas caixas do correio folhetos heroicamente anónimos a insinuar torpezas sobre políticos da esquerda, é assim que heróicos anónimos incitam à destruição pelo fogo posto da fauna e da flora de Gerez (noticiário da Emissora Nacional de hoje), verdadeiros amantes da riqueza e prosperidade do país. E assim que os patriotas seareiros do Alentejo (manobra descoberta e denunciada) incitaram patriótica e anonimamente à destruição das searas pelo fogo para enriquecimento de Portugal. Estes é que são os grandes amantes da Pátria, os do Portugal maior uno, indestrutível, da Pátria que não se discute.

Gosto deles. Sempre anónimos, sempre valentes, sempre heróicos. Sempre incapazes de dizerem quem são.

Vasco Luís

UM OLHAR SOBRE ANTIGOS ACONTECIMENTOS O Carnaval no Bairro Vareiro

O Carnaval, em outros tempos, como tradição, foi um surto de folia impar que a juventude aproveitava bem, para se entregar a manifestações de irreverência consentida de esfuziante alegria, as quais, mesmo aos mais idosos, não desagradavam.

Ainda está, por certo, na memória dos mais velhos os famosos cortejos carnavalescos organizados pelos dois grupos recreativos do Porto, «Fenianos» e «Girondinos» que se tornaram em acontecimentos cidadãos de grande bilhantismo e que levaram à Cidade Invicta dezenas de milhares de forasteiros de todas as categorias sociais! Neles se gastavam quantias avultadas e só foram suspensos quando o seu custo se tornou incontrolável, devido ao agravamento económico!

Eram realmente espectáculos, que pela sua grandiosidade irradiavam alegria comunicativa com um tanto de fascínio, que atraía multidões e pena foi terem acabado! Para além desta época, os livros contam o que se passava em tempos mais recuados e merecem ser consultados!

Mas vamos ao nosso «Bairro Piscatório» onde estes tradicionais costumes também não passavam em claro!

Como então já tivemos oportunidade de dizer, os pescadores gostavam de tocar instrumentos e também de dançar. Assim, quando chegava o Entrudo, havia festa rija, ao longo de todo o Bairro, pois aqui e ali se formavam danças e jogava-se o Carnaval, dando ao ambiente ruidosa alegria.

Os rapazes traziam sacas pendentes do ombro com farinha de trigo ou centeio e as moças grandes algeibeiras largamente munidas do mesmo material! Travava-se entre uns e outros lutas sem conta e os contendores saíam da luta mais branquinhos que moleiros e com as bocas a mastigar trigo!

Não havia neste jogo mútuo o mais pequeno incidente. Era o Carnaval a imperar com as suas inerentes liberdades.

Ora, em volta dos ajuntamentos de dança, mulheres vendiam os famosos ovos

de cheiro, envólucros coloridos, fundidos em cera e por isso muito frágeis, cheios de água de cheiro! Havia-os de dois tamanhos e custavam respectivamente cinco reis e dez reis. Estes pequenos projecteis de guerra carnavalesca eram atirados para os rostos, como alvos preferidos que, ao bater, se desfaziam facilmente sem outro qualquer dano a não ser a molhadela!

As raparigas, quando alvejadas, geralmente empregavam — como manifestação de passageira revolta — duas expressões muito típicas: — «estipôr» ou «faísca» mas amenizados por leve sorriso, quando se tratasse de rapazes da sua simpatia, a juntar um pouco de vaidade por terem sido preferidas!

Os barretes, que então os pescadores usavam muito, eram tingidos nos extremos para com eles baterem nas caras dos que lhes ficassem a jeito. Outras artes ainda se empregavam, algumas certamente aborrecidas como pós de espirrar, etc., etc.!

Enfim, era um pagode pegado (como eles diziam) e disso se pode dizer que os vareiros não deixavam os seus créditos por mãos alheias!

Na outra parte de Espinho o Carnaval passava-se um tanto nos mesmos moldes, mas com muitos encartados (como se chamavam aos mascarados) que percorriam as ruas em ruidosa folia e em variadíssimos trajos, alguns bastante singulares!

Os bailes realizavam-se em salões e revestiam-se sempre de certo brilhantismo. A mocidade sabia divertir-se mas sempre com muita ordem e respeito! Nos salões jogava-se muito com serpentinhas e confeti (brilhantes na linguagem popular). Só muito mais tarde, em 1942, se usaram as bisnagas, tipo sifão, cheias de éter ou cloro de etilo, líquidos voláteis que se esguichavam nas caras, mas que desapareciam rapidamente. Durou pouco esta elegante maneira de diversão, porque os líquidos começaram a ser falsificados e por isso muito nocivos, o que deu causa a imediata proibição!

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

• MÚSICA DE BAILE •

PELOS CONJUNTOS: — THE DROPS
(Quinteto italiano)
— JOSÉ QUELHAS
— PROMOTION MUSICAL 6

• VARIEDADES •

— BALLET «GOLDEN GIRLS» (Francês)
— BELITA & CHARLY KAY (Acrobatas dinamarqueses)
— ANDREOR (Ilusionista francês)
— NATÉRCIA MARIA (Cançonetista portuguesa)

• RESTAURANTE •

Jantares concerto — Esmerado Serviço
SALÃO RESTAURANTE ★ SLOT-MACHINES

• CINE-TEATRO • Sessões todos os dias •

TARDE INFANTIL

No Salão de Festas — Sábado, 3 de Agosto, 17.30 horas
PALHAÇOS — RANCHO INFANTIL — CANÇÕES
A Toddy — dará a todos os miúdos e miúdas um lanche

Preços: Adultos 20\$00 — Crianças 10\$00

MÓVEIS COUTO

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

RESTAUROS — ESTOFOS
DECORAÇÕES
— ESPINHO —

SÓCIO

Para trabalhar em grande comércio. Precisa-se. Carta à redacção ao n.º 57.

COMPRA-SE

Andar bom, independente, com garagem, ou casa com os mesmos requisitos, em Espinho, até mil contos
Carta a este jornal ao n.º 56

ATENÇÃO

Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje. Reserve já o seu lugar para a nossa sensacional EXCURSAO AO ALGARVE, visitando toda a Costa Algarvia em luxuoso Autopullman — Partida em 18 de Agosto e chegada a 25 de Agosto
Preço 350\$00 — Marcação de lugares na TABACARIA SPORTING
Rua 8 n.º 641 — Espinho — Repres. de Turismo Carlos, R. 22 n.º 236 — Espinho

O Teatro Aliança — que estava na mão do «Grupo Alegre Mocidade» — foi cenário inesquecível das folias carnavalescas.

Bons velhos tempos! Não resistimos a citar um pequeno acontecimento, dos que o Carnaval provocava, e que se distingue de entre tantos: Num «Domingo Gordo» apareceu no largo da Nossa Senhora da Ajuda um grupo de três rapazes semi-mascarados, isto é, apenas com leves pinturas nos rostos. Representavam um pequeno séquito de vendedores de elixires, muito em voga naqueles tempos. Um apresentava-se vestido rigorosamente, não faltando a bengala, numa imitação perfeita do papel que representava, outro transportava uma mala e um terceiro carregava uma grande mesa e cadeira! Uma vez montada a tenda, colocaram em cima uma série de frascos com diversos peixes em água: sardinha, carapau, carangueijo, etc. imitação das vísceras que sempre expunham os vendedores de eli-

xires! Posto isto, o vareiro, António da Gansa, rapaz conhecido pelo seu humorismo e que por esta faceta era muito apreciado — pois foi ele o pseudo dr. dos elixires — prendeu por largo tempo a multidão que se formou para ouvir o seu palavreado referente às diversas e complicadas doenças que ele ensinava a curar... com felizes tópicos de ironia, que provocava riso constante! Porém, a certa altura, a rapaziada foliona arrancou-o da tribuna e levou-o em charola pelas ruas em ruidosa alegria, facto que deu para falar durante certo tempo!

Rapaz apenas com as primeiras letras, possuía no entanto qualidades excepcionais, pelo que era muito estimado. Morreu bastante novo.

Naquele tempo os pescadores viviam felizes dentro da sua humildade, mas tudo foi mudando muito, infelizmente!

Joaquim Tato



**Quando vir este símbolo
então saberá que pode
contar com um Serviço
Bancário completo.**



BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

CASA LUCIANA *Boutique*

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA»
e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,
Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil
Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas
Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Alves & Ferreira, L.da
ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

FABRICA DE

TAPEÇARIAS SANTA CRUZ

IRMAOS PINTO LOUREIRO, LDA.

LOUREIRO — SILVALDE — ESPINHO

Telefone 920708

Residência 921409

Alcatifas, Carpetes Manuais e Mecânicas
— Colocação de Alcatifas — Bons Preços — Venda a Particulares —

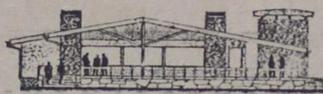
MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561



**Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA**

LET
L.
ON
ION

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO espe-
cial para Baptizados, Casamentos e
Confraternizações.

Aos sábados à noite — Jantar Dançante
Aos domingos — Matinée

Com o conjunto — TONI SAMPAIO

Encerrado à terça-feira para descanso do
pessoal desde 1 de Outubro a 30 de Abril

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

Telef. 920325-977

MOVEIS — ELECTRODOMESTICOS — RADIO e TV
— IMPORTADOR — REVENDEDOR —
BOSCH — KREFFT — SIMENS — LOEWE-OPTA

Preços de Importação

Frigorífico 140 L	3.500\$00
Frigorífico 200 L	4.500\$00
Frigorífico 245 L	5.100\$00
Frigorífico 270 L	5.600\$00
Frigorífico 300 L	7.700\$00
Máquina de lavar roupa	7.850\$00
Torradeiras	225\$00
Ferros automáticos eléctricos	240\$00
Exaustores cozinha	440\$00
Secadores Metal	240\$00
Secadores Plástico	220\$00

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA

- ▶ ESTABELECIMENTO DE
MÓVEIS E DECORAÇÕES
- ▶ ESPECIALIDADES EM MOBÍ-
LIAS DE ESTILO SÉC. XVII



JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667—Tel. 921325—Espinho

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem elec-
trónica para verificação de alternadores,
Bobinagem de dinamos e motores, Testes,
eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

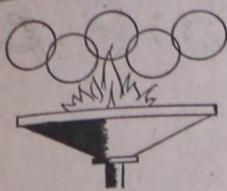
Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO

Residência — Telef. 964194

Boutique Jenny

Artigos Nacionais
e Estrangeiros

Rua 20 n.º 502 — ESPINHO



desporto



VAMOS APRENDER XADREZ

- O xadrez é uma ciência (Leibnitz)
- O xadrez é a ginástica da inteligência (Goethe)
- O xadrez é muita ciência para ser jogo e muito Jogo para ser ciência (Montaigne)

Procurar a origem do xadrez é voltar à obscuridade das lendas e tradições, muito antes da história escrita. As lendas da Índia associam o jogo aos efeitos dos deuses e dos heróis, conforme Mo Bhavisha Purana, uma das partes do antiquíssimo poema épico Mahabarata. Este menciona-o como sendo originário daquele país há alguns quatro ou cinco mil anos, ao tempo em que Ravana, rei do Ceilão, foi sitiado por seu inimigo Rama; o herói do Ramalana, outro grande poema épico hindu. A invenção do jogo é atribuída à esposa de Ravana, que o idealizou para manter o espírito bélico nos soldados, pois o xadrez foi sempre considerado como uma guerra em miniatura.

Do mesmo modo, o xadrez chinês, de acordo com a tradição do país, foi inventado pelo general Hang-Sing, enviado por Hong Cochu, rei de Kianguan, para sitiar Shem-Se. O seu exército foi surpreendido pelo inverno e Hang-Sing para que os seus soldados esquecessem as suas aspezes, e tal como na tradição hindu, para que mantivessem os seus espíritos aguerridos, inventou o xadrez chinês. Este tão bem preencheu o seu fim, que na primavera o rei de Shem-Se foi esmagadoramente derrotado e suicidou-se em desespero. Os militares de todos os tempos têm sido entusiastas do xadrez. Os nomes mais célebres foram Tamerlão e o grande Napoleão.

Como o xadrez chegou à Europa não se sabe ao certo. Supõe-se terem sido vários os seus introdutores: os espanhóis, certamente aprenderam-no dos mouros; os italianos dos bizantinos, antes dos tempos das cruzadas, quando os nobres de todos os países da Europa tiveram oportunidade de conhecê-lo na Palestina. Da Itália e da Espanha, logo se espalhou à Alemanha, aos países escandinavos e à Inglaterra.

O jogo continuou a desenvolver-se pela Europa até ao século XVI, época em

que viveu o primeiro verdadeiro analista que escreveu sobre o xadrez europeu. Foi o espanhol Ruy Lopez de Segura (aproximadamente no ano de 1560) que registou a última mudança (o Roque) do Shatranj dos árabes para a forma de xadrez hoje jogada por toda a Europa. Dele tomou nome a abertura Ruy Lopez também denominada partida espanhola. Ruy Lopez, autor da interessante obra «Libro de La Invención Liberal, y Arte del Juego del Axedrez», Alcalá 1561, é considerado, e muito justamente, como o fundador da teoria xadrestística.

As qualidades que o jogo do xadrez desenvolve no homem e sobretudo na juventude — memória, imaginação, perseverança, paciência, solidez de carácter e outras (o que sem dúvida se reflete também na vocação de cada um) — são os factores principais que tornaram o xadrez uma necessidade social.

É relativamente fácil a um espírito dotado de entusiasmo e interesse pelo xadrez o aprendizado das noções perliminares e das regras desse jogo.

Propõe-se o grupo de xadrez da Associação Académica de Espinho levar a efeito nestas colunas, a publicação dum pequeno curso básico sobre xadrez, e assim tentar primeiro familiarizar os leitores com o tabuleiro e com as peças e depois a anotação algébrica; em seguida conhecimento e movimento e valor de cada uma delas. Passa depois às fases de jogo; abertura-meio e final. Para entrar a seguir na apreciação do jogo posicional e do jogo combinativo.

Resta acrescentar que para elaborar todo este resumo sobre xadrez, e os que não de vir, foram consultadas obras e artigos dos mestres brasileiros Joaquim Valadão Monteiro e Orfeu Gilberto D'Agostini, dos jugoslavos Petar Trifunovitch e Sava Vvkovitch e nacionais João Cordovil e J. Durão.

NOTÍCIAS DO XADREZ

Integrado no âmbito das Festas de Verão da Cidade de Espinho, propõe-se a Secção de Xadrez da AAE levar a efeito um amplo programa de divulgação da modalidade com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo. Neste sentido, estão previstas as seguintes realizações:

- jornadas diárias de divulgação de Xadrez, a efectuar nas esplanadas, das 16 às 18 horas;
- realização simultânea de um torneio de infantis e de juvenis, ao ar livre, a partir do dia 7 de Agosto;
- realização de uma simultânea, dia 11 de Agosto, às 15 horas;
- torneio de partidas rápidas, dia 11, pelas 21 horas e 30 minutos;
- torneio de resolução de problemas, dia 13.

— Torneio Aberto, a partir do dia 14.

Em virtude da exiguidade de material disponível, as inscrições, que deverão ser feitas na sede da AAE, até à véspera das provas, serão **limitadas**.

José Oliveira

Solicitador Encartado

Ausente até 17 de Agosto

to, foi adiado para o fim do mesmo, em virtude da realização do I Torneio de Verão da AAE.

★ Foi marcado para o dia 10 de Agosto às 16 horas, na sede do clube, o sorteio do Torneio de Verão, devendo todas as equipas fazer-se representar por um delegado.

★ No próximo dia 14 de Agosto, vai a AAE realizar o seu Baile de Verão no Salão Nobre do Grande Casino de Espinho, numa organização dos elementos afectos ao Voleibol.

VOLEIBOL

Notícias da AAE

★ Depois de Estela, Palmira e Odete, mais duas atletas do SCE devem ingressar na próxima época na Académica de Espinho, pois tanto Natália como Fátima Capela já demonstraram vontade de trocar de camisola. Sem dúvida que, a concretizarem-se as transferências das mesmas, a Académica veria a sua equipa reforçada com duas jovens de excelentes qualidades e experiência.

★ O início dos treinos de todas as categorias, que em princípio estava marcado para os primeiros dias de Agos-

HÓQUEI EM PATINS

CAMPEONATO METROPOLITANO DA II DIVISÃO

AAE, 7 — RIBA D'AVE, 6

Arbitro: Oscar Manuel, do Porto.

Pela AAE alinharam: Diamantino, Martins, Miro, Alcino, Rui, Sobral, Marçal e Jorge.

Pelo Riba d'Ave: Pereira, Cunha (1), Santos (2), Alves (3), Chico, Machado e Manuel.

Ao intervalo: 4-3.

Tal como se previa, o Riba d'Ave, fez deslocar ao Pavilhão da AAE uma grande e ruidosa falange de apoio, afecta à sua equipa. O jogo começou com a equipa da casa ao ataque, procurando dominar desde o princípio as operações. Assim, decorridos dois minutos, já vencia por dois a zero, com golos de Alcino e Rui. Quando todos previam que essa marca iria ser aumentada, o adversário reagiu e reduziu para 2-1, numa jogada com culpas para a defesa da Académica. No entanto os espinhenses lograram obter o seu terceiro golo, obtendo uma vantagem que o adversário novamente reduziu, apesar dos constantes remates dos avançados da Académica. Até ao intervalo as duas equipas obtiveram mais um golo, colocando o resultado em 4-3. Na segunda parte os jovens de Riba d'Ave, mercê duma maior frescura física, apareceram mais ao ataque, logrando igualar o marcador. No

entanto Alcino, depois duma vistosa jogada, repôs a sua equipa em vantagem. Seguiu-se um período de desorientação das hostes espinhenses, que o adversário aproveitou para colocar o resultado em 6-5 a seu favor. Aumentou a emoção dentro e fora do rectângulo, pois faltavam apenas 7 minutos para o termo do encontro. E a vez da Académica reagir, igualando o marcador por intermédio de Rui. Quando faltavam dois minutos de jogo, Sobral, concluindo da melhor maneira uma jogada de insistência da AAE, fez o golo que viria a dar a vitória à sua equipa, perante o delírio dos adeptos da Académica presentes no recinto. No final registou-se uma pequena invasão (pacífica) por parte de jovens simpatizantes da AAE que vitoriararam os jogadores da sua equipa, principalmente o veterano Vladimiro Brandão.

Numa apreciação ao trabalho dos atletas, merece especial referência o jovem guarda-redes do Riba d'Ave, que por pouco impediu a justa vitória da Académica. O árbitro, apesar de alguns deslizes, estamos-nos a lembrar do 4.º golo do Riba d'Ave, cotou-se com uma actuação que se pode considerar positiva.

Tibério Coelho

SPORTING CLUBE DE ESPINHO

ASSEMBLEIA GERAL

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Artigos n.ºs 87.º e 88.º dos Estatutos e a pedido da Direcção, convoco para o dia 9 de Agosto de 1974, pelas 21 horas, na Sede do Clube, uma Assembleia Ordinária com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

- 1) Leitura e aprovação da acta da Assembleia anterior.
- 2) Apreciar, aprovar ou alterar o Relatório e Contas apresentadas pela Direcção cessante e Parecer do Conselho Fiscal.
- 3) Eleger a Direcção para a época de 74/75.
- 4) Meia hora para discutir assuntos de interesse para o Clube.

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO.PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA • VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032

PORTO





EMPRESAS NACIONALIZADAS O QUE É A INTERSINDICAL?

Ao lermos um dos últimos números do «EFTA Bulletin» deparamos com um artigo que se ocupa com a produção e exportação de cortiça portuguesa do qual se transcreve o seguinte trecho.

«Com todos os meios de que dispomos hoje para fechar as garrafas, e com todos os novos recipientes em metal ou em matéria plástica, pode-se pensar que a velha rolha de cortiça está em declínio.

Não é verdade; os vinhos de qualidade vendem-se cada vez mais por todo o mundo e a cortiça fornece a única rolha que permite um fecho hermético, que não se deteriora, mesmo com o decorrer dos tempos, e não afecta nem o gosto nem o aroma da bebida.

Isto explica que as exportações de rolhas portuguesas em cortiça tenham mais do que duplicado nos últimos anos.

É de tal valor a cortiça que a sua exportação não se limita às rolhas. Há mais de cinco séculos que Portugal se interessa pela cultura da cortiça e fornece, entretanto, mais de metade do consumo anual do mundo.

Dotada com excelentes características, a cortiça não se encontra somente nas garrafeiras das caves das nossas casas, pois pode encontrar-se nas próprias paredes das salas ou no chão, como material isolante térmico ou acústico, bem como em muitas outras utilizações, tais como, palmilhas e tacões de sapatos, material desportivo, portas de frigoríficos, e tantos outros utensílios, das muitas aplicações que se podem dar às 200 000 toneladas que Portugal produz anualmente.

É o artigo do boletim da EFTA depois de nos dar ideia da utilização que hoje se dá à cortiça prossegue para elucidar do seu valor económico e industrial referindo que em Portugal «perto de 20 000 pessoas empregam-se no trabalho corticeiro, a maior parte em empresas de modestas dimensões.

O ano passado a exportação deste produto correspondeu a uma entrada de divisas equivalente a 2 biliões de escudos.

De ano para ano, os portugueses transformam uma grande parte da cortiça em produtos acabados em vez de exportar simplesmente a matéria-prima, o que representa novas possibilidades de trabalho no país assim como um acréscimo de ganhos em moedas estrangeiras.

★

Confessamos que não sabíamos concretamente da existência, aqui perto de Espinho, de unidades transformadoras de cortiça, embora soubéssemos que nas Terras de Santa Maria há um centro corticeiro. Pesquisámos, então, numa lista telefónica classificada, que unidades transformadoras havia e, qual não foi o nosso espanto, deparamos com mais de uma centena!

Indagando, posteriormente, junto de pessoas conhecedoras do meio, confirmámos o que diz o boletim da EFTA e que grande maioria daquelas unidades transformadoras de cortiça são realmente de modesta dimensão. Logo nos lembrámos do problema das P. M. E. (Pequenas e Médias Empresas) que têm dado que pensar aos departamentos económicos dos governos provisórios post-25 de Abril.

★

Como sobrevivem ou vão sobreviver estas empresas de limitada dimensão espalhadas por Lourosa, Lamas e Paços de Brandão?

A experiência tem demonstrado que só sobrevivem no mundo complexo da economia actual as PME que dispõem de

uma evoluída tecnologia ou aquelas que descobriram um interstício nos mercados e lá se instalaram, as quais constituem a excepção à regra geral.

Entretanto, estas empresas corticeiras lá vão vivendo e até acreditamos que algumas estão a obter razoáveis lucros. Mas como se comportará a sua eficiência futura perante a possível perda de privilégios de tratamento bancário, ou frente às reivindicações dos trabalhadores que começam a ser esclarecidos dos seus direitos, ou até mesmo frente à concorrência generalizada?

Ao pensarmos em todas estas questões, que outras interrogações nos despertam, mais uma vez nos convencemos da necessidade que há em o Governo concentrar atenção, esforços, meios, pessoas, no lançamento de novas empresas de substância, que aproveitem potencialidades nacionais, que dormitam, e trabalhadores portugueses, que abundam.

Entendemos que é urgente esta via para um país novo. A indústria está por demais dividida e não é só em pequenas e médias empresas. Além destas não se esqueça que há as pequeníssimas e as muito pequenas, com todos os inconvenientes que lhe são inerentes.

Há que dimensionar devidamente a indústria. Há que criar empresas que se componham de verdadeiros postos de trabalho e o Governo tem que ter papel preponderante nesses empreendimentos.

★

E voltamos a pensar na pulverização da indústria corticeira. E pensamos que a potencialidade que nos oferece a cortiça está no caminho para se construir uma das várias e tão necessárias empresas nacionalizadas.

A. A. G.

NOTÍCIAS

■ Uma companhia norueguesa de construção naval tem recebido de vários países encomendas de barcos-ambulâncias, equipados com aparelhos para transfusão de sangue e respiração artificial, bem como uma tenda de oxigénio.

Trata-se de embarcações muito rápidas com evidente utilidade para as zonas costeiras, não só para a assistência à navegação como também nas praias localizadas longe de centros urbanos com instalações hospitalares.

■ Com vista aos Jogos Asiáticos, que terão lugar em Setembro próximo em Teerão, a fábrica suíça de relógios Omega está a ensaiar um novo sistema de marcador electrónico.

Com as dimensões de 7,8x3,7 metros o marcador compõe-se de 18 000 lâmpadas e permite representar inscrições de tamanhos diferentes bem como figuras, desenhos animados e mesmo filmes.

■ Um acordo de cooperação de dez anos acaba de ser assinado em Estocolmo, entre a Suécia e a Líbia. Prevê o aprovisionamento da Suécia em petróleo bruto, em troca de cimento, aço, madeira e papel. Também entre a Rússia e a Áustria se estabeleceu um acordo para abrir em Viena um estabelecimento bancário soviético, destinado a financiar as trocas comerciais entre a Áustria e os países do Leste.

■ Uma companhia finlandesa fornecerá às empresas portuguesas Sociedade Industrial de Celulose (SOCEL) e à Companhia Portuguesa de Celulose (em Cacia) respectivamente o equipamento para uma cadeia de produção de pasta de papel com a capacidade anual de 100 000 toneladas e duas instalações de lavagem de pasta de 85 000 e 150 000 toneladas. Os fornecimentos estão previstos iniciar-se ainda no decorrer de 1974.

■ Depois de ensaios intensivos, durante a campanha de pesca do badejo (isca para a pesca do bacalhau) no último inverno, uma companhia norueguesa acaba de lançar no mercado uma máquina especialmente concebida para escolher a bordo dos navios de pesca o badejo macho do fêmea. Enquanto que o fêmea serve ainda para o consumo humano, o macho destina-se à produção de farinha e óleo.

Esta máquina tem uma capacidade de escolha de 30 ton. por hora, é fabricada em material de grande resistência à água salgada e pode ser ligada aos sistemas hidráulicos de alta pressão que normalmente existem nos navios de pesca.

■ Os técnicos alemães qualificam como uma «obra do século», a estrada de contorno, no lado ocidental de Hamburgo, que após a sua conclusão, prevista para fins do ano corrente, será um importan-

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

te passo de ligação para a «Estrada-Europa 3», que atravessa o continente desde Estocolmo até Lisboa.

Esta estrada compreenderá um tunel com o comprimento de 3 quilómetros que na parte sul dá acesso a um terreno pantanoso, o chamado «Elbmarsch». Numa distância de 4 quilómetros foi construída aí a «autobahn» sobre pilares que, por sua vez, teve que atravessar um braço do rio Elba. Essa parte, a uma altura de 50 metros sobre o nível do mar, presa em dois pilares de 135 metros de altura, é considerada com uma das mais bonitas no continente e dá à cidade hanseática de Hamburgo um novo símbolo.

Foi em 1970 que vários sindicatos começaram a reunir com o objectivo de definirem uma atitude sindical unitária de forma a consciencializarem os trabalhadores sobre os seus problemas de classe. Agruparam-se então os sindicatos na Intersindical para a congregação de esforços na defesa comum dos direitos e interesses dos seus associados.

De 1970 a Abril de 1974 a Intersindical funcionou como organismo ilegal, embora nunca deixasse de exercer grande número de acções, reclamando do governo leis que protegessem efectivamente as classes trabalhadoras.

Hoje, a Intersindical conta com mais de 170 sindicatos, cuja representação é feita no máximo de três delegados, devidamente credenciados, com direito apenas a um voto.

São órgãos da Intersindical:

- 1) — Uma assembleia que tem plenos poderes deliberativos;
- 2) — Um secretariado constituído pelos secretariados das União dos Sindicatos do Porto e do Sul e tem as funções seguintes:

- a) — Coordenar toda a actividade da Intersindical;
- b) — Executar todas as deliberações da assembleia.

As União Sindicais têm um âmbito regional e são constituídas por todos os sindicatos nelas filiados. A representação é feita, no máximo, por 3 delegados, com direito apenas a um voto.

São órgãos da União Sindical:

- 1) — A assembleia, que tem poderes deliberativos, não podendo ser contrária à orientação da Intersindical;
- 2) — Um secretariado eleito em assembleia e com as funções de coordenar toda a actividade da União e executar todas as deliberações da assembleia.

No momento apenas existem as duas União atrás referidas, encontrando-se outras em organizações em Aveiro, Braga e Coimbra.

Mantendo-se em estreita colaboração com o Ministério do Trabalho e outros organismos governamentais, a Intersindical ocupa-se actualmente, além de outras organizações, da elaboração dum documento onde são previstas as bases da «Reestruturação e Organização Sindical», do controlo e gestão das Caixas de Previdência e de uma representação dos trabalhadores, que inicialmente teriam como função fiscalizar e sanear os Serviços do Ministério do Trabalho e numa fase posterior de representarem os trabalhadores junto do Delegado da JSN naquele ministério.

Bibliografia do Sindicalismo

- Movimento Operário em Portugal; Edições Afrontamento — Porto.
- O Sindicalismo em Portugal; idem.
- Labor — Revista de Informação e Formação Sindicais. Editada pela Confederação Mundial do Trabalho.
- A História do Movimento Sindical e da Legislação Sindical. Editor: Centro de Cultura Operária, Lisboa.

SEMANÁRIO
AVENÇADO